

**O OTIMISMO PEDAGÓGICO E O DISCURSO EDUCACIONAL NA IMPRENSA UBERLANDENSE:
O JORNAL A TRIBUNA**

*Andréia Cristina Rezende Rodrigues
José Carlos Souza Araujo
Universidade Federal de Uberlândia*

RESUMO

Pesquisas relatam que estudos realizados tendo como objetivo o resgate da problemática educacional no Brasil tomando como fonte de estudo as discussões registradas pela imprensa, são inovadoras e recentes. Considerando que essa lacuna precisa ser preenchida e, levando-se em conta que a imprensa é um manancial para o estudo da História da Educação, o objetivo deste é focalizar um jornal, de circulação semanal, intitulado A Tribuna, veiculado em Uberabinha, MG (denominada em 1929 por Uberlândia), a partir de 1919, com o intuito de averiguar como a referida localidade participará do debate educacional que animava o contexto nacional, expresso pelas categorias conhecidas por entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico. A hipótese inicial que norteou essa investigação era de que a concepção de educação escolar estava vinculada à idéia de entusiasmo pela educação e à categoria denominada por otimismo pedagógico que emergira no seio nacional nas primeiras décadas do século XX. Na visão do clássico Educação e Sociedade na Primeira República, de Jorge Nagle, o entusiasmo pela educação expressará a crença na potencialidade da educação escolar como irradiação do progresso e da civilização; e o otimismo pedagógico assumirá a perspectiva de que a escolarização poderia se reduzir a encaminhamentos pedagógicos internos à escola. Ou seja, o imaginário educacional das décadas de 20 e 30, o período que abrange essa pesquisa, estivera impregnado pela fé na escolarização e no poder reformador da educação, mas não de qualquer educação, mas um tipo de educação que considerasse a importância da nova pedagogia na formação do novo homem. Destarte, o jornal A Tribuna, que circulou semanalmente entre os anos 1919 e 1942, na cidade de Uberabinha, se configura como uma fonte documental marcante para captar o movimento que pulsava na referida cidade, revelando a possibilidade de reconstruir as concepções de educação, de sociedade e de mundo trazendo à tona, a memória, as ideologias e as crenças forjadas por homens num determinado contexto, permitindo um conhecimento mais circunstanciado do movimento da educação brasileira naquelas décadas. O discurso educacional registrado nas páginas do semanário revela o anseio de ilustrar os cidadãos, em inserir Uberabinha nas sendas do progresso. A crença em torno da escolarização, da valorização da instrução elementar (educação primária) e, especialmente o desejo de se construir um ensino de feição prática capaz de oferecer soluções para os problemas educacionais locais, compõe o debate educacional em Uberabinha desse período. As idéias escolanovistas pautadas na valorização de um ensino experimental, para além do ensino meramente livresco e fundado na memorização, permeiam todo o rol das discussões da imprensa local. Amiúde, o debate sobre os métodos de ensino, como o método de leitura presente em O pequeno Brasileiro ou o método de Modelagem por Cartografia, qualificados como capazes de elevar a capacidade de observação e aprendizagem, promovendo a aproximação entre os educandos e o objeto investigado, tem espaço cativo nas páginas do jornal. Nesse sentido, a incursão que realizamos junto ao jornal A Tribuna tem nos revelado que a crença em favor da escolarização e, especialmente em favor de um ensino prático, articulado a métodos de ensino experimentais, animaram de forma salutar o debate educacional em Uberabinha, pois amalgamados às crenças nacionais em favor da educação, os novos modelos de educação, desde que fundamentados em um nova pedagogia, eram os caminhos viáveis a serem percorridos em busca da civilidade.

TRABALHO COMPLETO

Esse artigo tem suas raízes no projeto de pesquisa¹ *O Otimismo Pedagógico na Imprensa Uberlandense: O Jornal A Tribuna(1919-1933)* aprovado pelo CNPq em agosto do ano de 2001. Podemos afirmar que trata-se de um fruto do vínculo necessário entre pesquisa-ensino-extensão.

Precisamente em setembro de 2001 demos início ao árduo trabalho de fichamentos do referido periódico junto ao Arquivo Público Municipal. É válido ressaltar que nos dedicamos a priori, a leituras sistematizadas com o intuito de compreender as nuances do contexto histórico nacional e local que caracterizariam as discussões educacionais da época, bem como o papel da imprensa enquanto um veículo e fonte de memórias e história de um povo.

A hipótese inicial do referido projeto era de que a concepção de educação escolar estava vinculada à ideia de *otimismo pedagógico* que emergira no seio nacional nas primeiras décadas do século XIX.

Jorge Nagle, um dos principais estudiosos da educação na Primeira República construiu duas categorias para compreender a educação escolar nesse contexto: o *entusiasmo pela educação* como “a crença de que pela multiplicação das instituições escolares, pela disseminação escolar, seria possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional e colocar Brasil no caminho das grandes gerações do mundo” (NAGLE, 1974, p.99-100) e o marcante otimismo pedagógico como “a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicariam o caminho para a verdadeira formação do homem brasileiro.”(NAGLE, 1974, p. 240).

¹Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq.

Nesse sentido, considerando que o movimento educacional das primeiras décadas do início do século passado fora povoado pelas categorias *entusiasmo pela educação* e *otimismo pedagógico*, o objetivo desse trabalho é trazer à tona o pensamento educacional, veiculado pela imprensa local, especialmente pelo jornal semanal *A Tribuna*, destacando sobretudo as influências do *otimismo pedagógico*², ou seja, a crença no poder reformador da educação, mas não de qualquer educação, mas de um tipo de educação que considerasse a importância da nova pedagogia na formação do novo homem.

Para tanto, julgamos fundamental explicitar de forma breve, alguns dos principais acontecimentos históricos que marcaram o contexto nacional e, colocaram a educação na ordem do dia, como alavanca de transformação e de regeneração social, verdadeiro *motor da história*, (partindo sempre do princípio de que Uberabinha compartilhara localmente do anseio em favor de mudanças no interior da escola). Saliente-se que o *entusiasmo pela educação* e o *otimismo pedagógico* resultam de transformações sociais.

Portanto, deter-nos-emos num primeiro momento, em apresentar o perfil do periódico ao leitor, apontando em seguida os fatos históricos que marcaram o contexto de circulação do jornal para, num segundo momento, explicitar com base nos materiais jornalísticos fichados e selecionados, como que Uberabinha compartilhou das discussões sobre a escolarização e, especialmente da crença em novos modelos educacionais como sendo capazes de fazer pulsar as mudanças sociais.

² Jorge Nagle não estabelece um critério cronológico rígido para expressão das categorias por ele nomeadas de *entusiasmo pela educação* e *otimismo pedagógico*. Para Nagle o entusiasmo mantém o otimismo, o que muda com o tempo é a ênfase no discurso. Entretanto, existem leituras diferentes que estabelecem uma rigidez temporal na veiculação dessas categorias. Vanilda Paiva, em *Educação Popular e Educação de adultos*, afirma que até 1925 estaríamos diante do entusiasmo pela educação, a partir de então, o que existia era otimismo pedagógico. Ver Paiva, Vanilda. *Educação Popular e Educação de Adultos* (1973, p. 94-95).

Um perfil construído em meios as tramas históricas: A Tribuna (1919-1933)

“Através da imprensa pode-se observar e compreender a trajetória das atividades humanas em todas as suas relações sociais, permitindo caracterizar a trajetória da organização educacional, levando em consideração as particularidades e singularidades que permearam a educação em um dado momento histórico. A imprensa periódica atua assim, na vida social trazendo concepções de política, de educação, de economia, de literatura, de moral, possibilitando acompanhar e desenvolver das atividades sociais com seus agentes reais” (CARVALHO, 1999, p.45). Nesse sentido, percebemos a imprensa como um veículo social, fonte documental impulsionada pelo movimentar das ações humanas, pelas continuidades e descontinuidades históricas.

O jornal *A Tribuna* é nesse sentido uma fonte documental significativa pois nos permite reconstruir as concepções de educação, sociedade e mundo, enfim, a história dos homens que fizeram parte do cenário brasileiro na cidade de Uberabinha, na medida em que *lendo o jornal possuímos o mundo* (SUZUKI, 1999, p.10).

A Tribuna foi um periódico que circulou semanalmente nas primeiras décadas do século passado, especificamente entre os anos de 1919 a 1942 na cidade de Uberabinha, MG. O dia 07 de setembro de 1919 é data da primeira edição do jornal que circularia semanalmente por vinte e quatro anos ininterruptos nesta localidade. A princípio, o título do jornal era *A Tribuna, Semanário Independente e Noticioso*, sob a razão social de Rodrigues, Andrade & Cia, que compunham uma *Sociedade Comercial*, dentre os quais participavam João Severino Rodrigues da Cunha, Octavio Rodrigues da Cunha, Umberto Giffoni, João Andrade Souza e Tito Livio Teixeira, sendo todos os colaboradores homens de negócios na cidade e advindos de famílias tradicionalmente distintas na sociedade uberlandense. Isso nos permite deduzir que apesar do

jornal se conceber como um porta-voz dos anseios do povo, quem oficialmente fala a Uberabinha é a voz da elite, muito mais interessada logicamente, em inserir a cidade nas sendas do progresso, do que nos possíveis anseios de inserção social das maiorias, até porque, como o próprio semanário acrescenta boa parte dos moradores eram analfabetos, o que não lhes permitia decodificar as páginas escritas, selecionar e processar as informações.

Nos anos que sucedem, *Agenor Paes*, advogado na cidade de Uberabinha, assume a redação do jornal.

Quanto aos artifícios elaborados para seduzir o leitor, o jornal procura abordar temas diversos ligados à economia, à política e aos interesses locais de Uberabinha. Conta também com um quadro de propagandas e anúncios comerciais. Em relação ao número de páginas e recursos gráficos podemos dizer que *A Tribuna* está bem ao gosto da época. Oscilando quanto ao número de páginas, e sem dispor dos recursos tecnológicos próprios da segunda metade deste século, tem diagramação simples, e em alguns momentos alegra suas páginas com sessões de poesia. A utilização de fotos- poderoso recurso visual - acontece no ano de 1920.

John Wirth (1982, p.131) ao discorrer sobre a imprensa local em Minas Gerais afirma que “*a imprensa foi um pilar para a política, comércio e cultura no centro de gravidade do estado, a nível local*”. Acrescenta ainda “*que Minas estava em segundo lugar na imprensa periódica brasileira e era o terceiro maior empregador do país- 1.817 pessoas em 1933- nesse setor*”.

Uberabinha é considerada pela imprensa local como cidade *leard* do Triângulo Mineiro, a única cidade do Triângulo a desfrutar de dois jornais semanários e dois jornais diários. Além disso, desde o século XIX que o município fora beneficiado pela imprensa.³

³ O jornal intitulado *A Reforma* tem circulação a partir de 1897.

Quanto ao posicionamento ideológico, *A Tribuna*, expressa diferentes correntes de pensamento⁴: o caráter liberal e positivista imprime uma feição própria ao periódico, o que corrobora para que o semanário destile divergentes opiniões em torno da idéia de República.

Apesar das divergências, o teor dos editoriais e artigos são consensuais pelo apego a temas como educação, escola, ensino, ordem e progresso. Araújo (s/d) em recente comunicação⁵ a respeito da significação da educação escolar em Uberabinha, utilizando como fonte primaria o jornal *O Progresso*, atesta que (...)Uberlândia (denominada por Uberabinha ate 1929) nasceu animada pelas idéias de progresso e civilização(...) (ARAUJO, 2001, p.1).

Iluminada pelo sopro de progresso, Uberabinha é convidada a compartilhar do forte anseio em favor da educação como fonte sanadora de todos os males sociais. A centralidade que a educação ocupa no cenário nacional (característica das primeiras décadas do período republicano), incidem exatamente sobre os anos de circulação de *A Tribuna*, sendo esse período foco de nossos interesses, pois consideramos que o referido contexto é bastante profícuo na medida em que diz respeito a um momento histórico marcado por profundas mudanças sociais tanto no plano nacional como internacional.

Retomemos o passado histórico, com vistas a compreender o contexto da história da educação no Brasil e ficaremos a par de um momento caracterizado por intensas mudanças na lógica da estruturação do modo capitalista de produção: fim do tráfico negreiro (1850), abolição da escravatura (1888), significativo desenvolvimento da industria nacional, crescimento urbano e proclamação da República (1889).

⁴ A respeito das correntes ideológicas que se disputavam a definição ver as contribuições de José Murilo de Carvalho(1998) que ao discorrer sobre os embates pela conquista do imaginário popular, reflete sobre as correntes ideológicas que disputavam a definição do regime republicano, dando destaque no último capítulo a influência do positivismo no processo de reconstrução do imaginário social

Maria Luiza Santos Ribeiro (1978) destaca que no Brasil as novas idéias advindas da Europa eram territorializadas de maneira que “liberais e cientificistas (positivistas) estabelecem pontos comuns em seus programas de ação: abolição dos privilégios aristocráticos, separação da Igreja do Estado, instituição do casamento e registro civil, secularização dos cemitérios, abolição da escravidão, libertação da mulher para através da instrução desempenhar seu papel de esposa e mãe e a crença na educação enquanto chave dos problemas fundamentais do país.”

Determinava-se portanto uma nova estrutura social e econômica no país . O Brasil até então estruturado nos moldes do trabalho escravo, fundamentalmente agrário, experienciava em meados do século XIX e de forma intensa nas primeiras décadas do século XX, um avanço significativo no setor industrial, utilizando-se não mais da mão de obra escrava, mas assalariada.

O desenvolvimento industrial e urbano redefiniria o perfil do trabalhador idealizado, especialmente a partir dos anos 20, como um indivíduo instruído que dominasse pelo menos noções de leitura e as operações matemáticas fundamentais, ou seja, o protótipo idealizado era de um trabalhador alfabetizado. O redimensionamento atribuído função da educação, concebida como panacéia capaz de restituir todas as mazelas sociais, relaciona-se intrinsecamente ao momento econômico, político e cultural que o país atravessa.⁶

Sobre a crença no papel da educação na década de 20, Carvalho (1996, p.8) atesta que “sedimentou-se nos anos 20, entre intelectuais que se aplicavam a pensar o Brasil a avaliar a República instituída, a crença de que na educação residia a solução dos problemas que identificavam(...) O papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em povo, de vitalizar o organismo nacional, de constituir a nação”.

Nesse sentido, as reformas educacionais que marcaram o contexto, assim como o Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova, vinham reafirmar todas essas crenças no poder reformador da educação. Sobre as reformas levadas a cabo nas primeiras décadas do século passado, a prof. Maria José Garcia Werebe destaca que “todas essas reformas, influenciadas pelo movimento da escola nova que se desenvolvia na Europa, sobretudo nos EUA, procuravam combater o caráter tradicional do ensino, denunciando suas deficiências qualitativas e quantitativas e propugnado pela sua modernização” (WEREBE, 1994, p.48).

O compartilhar dessas influências escolanovistas e da crença em favor da escolarização que animavam o debate educacional no imaginário da imprensa de Uberabinha oxigenam nossas próximas discussões.

O otimismo pedagógico e o entusiasmo pela educação no jornal *A Tribuna* entre 1919 à 1933

Como foi afirmado a hipótese inicial desse estudo era de que Uberabinha teria compartilhado da crença nacional em favor da escolarização e, especialmente da crença numa nova pedagogia, fundamentada em novos padrões pedagógicos capazes de fazer alavancar a transformação social.

Vinculado às concepções positivistas e liberais o jornal *A Tribuna*, em sintonia com os a historiografia nacional respira temas ligados a educação.

O desejo em ilustrar a cidade de Uberabinha por meio de uma educação que instrumentalizasse para a vida em sociedade, que elevasse progressivamente a condição intelectual dos homens, vai se evidenciando em meio as notas artigos, editoriais no transcorrer

⁶ O desenvolvimento industrial favorecera também a formação de uma classe operária, consciente dos prejuízos educacionais que estavam expostos. Entre 1917 e 1918 a classe operária se organiza de forma tão combativa que eclode a primeira greve geral no estado de São Paulo.

dos anos investigados. Portanto não se trata de valorizar qualquer tipo de educação, mas uma educação fundamentada em princípios morais, intelectuais e físicos:

...Não basta ser honesto, não basta ser homem de bem, para um indivíduo, sem capacidade de qualquer natureza, administrar negócios publicos, especialmente municipios (...) Para administrar, para o individuo procurar se approximar a qualquer posto onde jogue o interesse do povo, é necessario, indispensavel, antes de mais nada, que esse individuo se encontre aparelhado de uma elevada instrucção moral, intelectual e physica. (A Tribuna, , ano 1, nº18, p.1, 11/01/1920)

A educação é nessa perspectiva vista como um processo de crescimento moral e intelectual, bem ao gosto dos princípios liberais e positivistas que compõem o conteúdo ideológico do jornal, bem como os ideais escolanovistas fundamentados numa nova pedagogia.

Nessa perspectiva, o debate em torno da valorização dos métodos eficazes de ensino (um dos princípios norteadores da Filosofia da Experiência do norte americano Jonh Dewey) perpassa as páginas do periódico. O editorial de junho de 1920 é particularmente rico nessa temática:

O Sr. Odilon J. Ferreira offereceu-nos um exemplar do Pequeno brasileiro, methodo progressivo para o ensino de leitura.E' um pequeno trabalho didatico, com o qual o autor contribue para a causa do ensino, na terra mineira, merecendo, por isso, os applausos dos que se interessam por esse magno problema. embora não sejam profissionais, julgamos o trabalho do Sr. Odilon um bom methodo, facil e intuitivo, capaz de prestar bons serviços à classe escolar. (A Tribuna, ano I, nº40, p.1, 13/06/1920)

Além do método de leitura *Pequeno Brasileiro*, identificamos em outros editoriais a preocupação centrada em métodos de ensino destinados à instrução elementar.

Um dos editoriais do ano de 1922 destaca o método de *Cartografia por Modelagem* elaborado pelo professor Arthur Joviano:

O professor Arthur Joviano, que tem sido um dos mais fecundos e conscienciosos colaboradores da evolução porque o ensino vem passando em Minas há mais de dez annos, acaba de trazer uma contribuição ao problema que constitui talvez a sua única preocupação. O erudito autor da Primeira Leitura foi o espirito que até hoje melhor comprehendeu os segredos da instrucção elementar. (Pela Instrucção. A Tribuna, ano IV, nº165, 12/11/1922, p.6)

A preocupação gira em torno da ensino público e da instrucção primária. Logo adiante, define os princípios que regem o referido método de ensino:

Essa applicação de modelagem á geographia, digamos mesmo, a chorographia, o professor Joviano pretende levar á Exposição, para ser feita diariamente em uma das salas a secção de ensino primario no Palacio dos Estados. Elle espera que seja utilizado e divulgado esse processo intuitivo do ensino da geographia, substituindo os pontos para decorar e o desenho cartographico no papel, ensino que infelizmente ainda é ministrado em muitas escolas, quando já condemnado na transmissão moderna dessa disciplina. (Pela Instrucção. A Tribuna, ano IV, nº165, 12/11/1922, p.6)

Assim como o método de leitura *O Pequeno Brasileiro*, o método do professor Joviano, fundamentasse nos processo intuitivos, ou seja, na capacidade de observação, no ato individual de discernir por meio do contato direto com o objeto de estudo. Decretando a insuficiência do ensino tradicional alicerçado em práticas de memorização de conceitos abstratos a vida dos indivíduos, o conteúdo do editorial anuncia a moderna pedagogia, que inspirada nos princípios escolanovistas, valoriza noções concretas do aprendizado, preocupada em tornar os indivíduos sensíveis aos conhecimentos práticos:

Pela modelagem, sem martyrio da memorização, as imagens dos accidentes se gravam no cerebro infantil pelos olhos, observando-os e, sobretudo, pelo tacto das mãos, adquirindo a creança a certeza das sua formas, posição, altura, etc, por noção concreta, material das coisas geographicas, e não abstracta, muitas vezes erronea que lhe dão os livros e os mappas planos coloridos. (Pela Instrucção. A Tribuna, ano IV, nº165, 12/11/1922, p.6)

Parece mesmo que os autores do Pequeno Brasileiro e do Método de Cartografia por modelagem se inspiraram nas palavras que afirmavam que “a experiência pessoal, poderia significar contactos mais numerosos e mais íntimos com o objeto de estudo e despertar a curiosidade.” (DEWEY, 1976, p. 9).

A discussão em torno dos métodos de ensino se expressa ao longo dos anos catalogados, mobilizando inclusive as opiniões das autoridades oficiais. Em um artigo publicado no ano de 1925, o então presidente do Estado de Minas Gerais, Fernando Mello Vianna, emite as seguintes considerações acerca do papel da instrução e a necessidade de impor mudanças aos métodos de ensino:

Um povo valle o que valle a sua mentalidade. O conceito nem por muitos repetido, deixa de synthetisar uma afirmação que não é mediocre e de provocar um problema, que é dos mais largos. Enquanto mais procuramos conhecer, em seus principios e finalidades, a indole, a organização, a consciencia e os impulsos do nosso povo, mais nos convenceremos de que é e por muito há de ser a chave miraculosa com que se desvendará o thesouro da nossa felicidade e da nossa força. . (A Tribuna, ano VII, nº299, p.1, 26/07/1925)

No parágrafo seguinte participa das preocupações em favor de novos métodos de ensino: *Assim agindo, dando um rumo esclarecido à solução do problema educacional, não faço mais do que alargar, na presidencia, a directoria que me tracei quando exerci o cargo de Secretario do*

Interior. Effectivamente desde que me empossei naquelle posto, a convite do dr. Raul Soares, compreende que uma reforma se impunha nos methodos de ensino ate entre nos adaptados, para que se lhe desse uma feição outra rigorosa e renovadora. (A Tribuna, ano VII, nº299, p.1, 26/07/1925)

Amalgamado às questões que procuram com vistas numa nova pedagogia oferecer soluções para os problemas educacionais está a discussão em favor da formação de professores. Não bastava apenas conhecer novos métodos, nessa perspectiva era essencial dominar o como fazer, era necessário aprender a aprender:

Não é demais respira assumpto de interesse. ... Minas, com 5 ou 6 milhões de habitantes, não tem meia duzia de escolas para o preparo de professores. A maioria dos estabelecimentos de ensino secundario está entregue às classes religiosas, que mais cuidam da salvação da alma de seus alumnos que no preparo scientifico e na moral para que possam imprimir aos pequeninos cerebros em formação aos caracteres de um homem perfeito. Não necessitamos de professores piegas, de maricas, desse que educam creanças de estufa e embebidas de hypocrisia. Não. Estes nunca serão homens de acção, energicos e francos (A Tribuna, ano1, nº12, p.1, 30/11/1919)

O ensino científico, partícipe de uma visão de mundo que se manifesta laica, positiva e liberal, necessariamente convida os entusiastas e otimistas da educação a repensar sobre a figura do professor e da escola, verdadeiros mediadores de uma nova educação.

Mobilizado por essas preocupações, no primeiro ano de circulação do semanário, no ano de 1920, o presidente do Estado Mineiro Dr. *Artur Bernardes* disserta:

“Nossas escolas normaes ensinam dissiplinas, mas não ensinam a ensinar, de sorte que a normalista pouco differe de um preparatorio ou bacharel de Gymnasio, mas não é uma educadora”. (A Tribuna, ano I, nº42, 27/06/1920, p.1-2)

Defensor de um redirecionamento na esfera do magistério e, consciente de que o ensinar a ensinar exige o aprender a aprender, Artur Bernardes aponta ao longo de sua mensagem, falhas que caracterizaram o trabalho de administrações anteriores para o ensino das normalistas:

Para remover esse inconveniente, foram estabelecidos em épocas diversas, os seguintes melhoramentos: a) Prática profissional; b) Cadeira de Pedagogia. A primeira deixa muito a desejar. Grandes turmas de alumnas percorrendo durante um anno – o 4º anno – classes primarias, tocando a cada alumnas talvez uma semana de exercicio effectivo, é tudo o que há de pratico, e os alumnos decoram pontos reduzidos; desses que andam pelas livrarias e papagueiam, numa dolorosa impotencia de raciocinio deante de um classe que acha divertida aquella repetição por palavras da pagina que tambem elles sabem de cór. (A Tribuna, ano I, nº42, 27/06/1920, p.1-2)

A ênfase no feitiço prático e experimental que o ensino deveria tomar é sempre marcante bem como a repulsa ao ensino livresco direcionado sempre para as prática da memorização:

Incapaz de esclarecer qualquer ponto que tenha relação com o ida, adstricta a que decorou na ocasião, alumna mestra atira-se logo ás perguntas, que livram de um grande peso. ... A cadeira da Pedagogia, sem a qual todo o curso normal não seria um curso de professor, tambem não póde produzir fructos, isso porque não existe no Estado quem se tenha aprofundado no estudo de materia tão difficil e complexa, que se relaciona intimamente com a biologia, a sociologia e psycologia, etc. (A Tribuna, ano I, nº42, 27/06/1920, p.1-2)

Tomando essa direção, teríamos a título de exemplificação Ginásio de Uberabinha Em uma visita a referida instituição de ensino, em novembro de 1919, o Sr. Arthur Queiroga, inspetor técnico de ensino deixa os seguintes termos:

Em dias seguidos, visitei nesta cidade o instituto de educação - Gymnasio de Uberabinha -, dirigido pelo professor mineiro Sr. Antonio Luiz da Silveira. Com especial cuidado visitei as classe primarias do collegio, argui alumnos, vi professores desdobrarem lições, impressionando-me de muito agradavel o feitio pratico e substancioso do ensino, sob base nacional e util, com a verdadeira compreensão que, estabelece o desenvolvimento harmonico das faculdades. (Gymnasio de Uberabinha, A Tribuna, ano I, nº10, 16/11/1919, p.3)

Em sintonia com os preceitos da época, o Ginásio de Uberabinha testemunhava o gosto pela moderna pedagogia, o que torna necessário empreender esforços para que escola, especialmente a escola normal, seja prática e racional, capaz de instrumentalizar de maneira eficiente o professor primário. Sobre isso o jornal comenta:

No tocante ao assumpto há para considerar a inconveniencia, já bastante verificada, de não poderem os collegios particulares, salvo raras excepções, dispor dos elementos indispensaveis para dar-se ao ensino normal o caracter profissional e tecnico tão necessario a um curso destinado a preparar a docencia para o magisterio publico. (Instrução e Educação Popular , A Tribuna, ano VIII, nº318, p.1, 30/01/1926).

Ao discursar dessa forma reforça a centralidade atribuída a figura do professor, especialmente o professor primário, enquanto um profissional da educação. Continuando o editorialista segue explicitando os preceitos necessários ao funcionamento escolar:

(...) Conviria ainda sujeitar os equiparados a uma fiscalização effectiva, procurando apurar a idoneidade dos elementos docente, as condições de conforto e hygiene dos estabelecimentos a existencia do mobiliario escolar e do material didactico apropriado ao curso normal, o estado dos gabinetes e laboratorios, indispensaveis ao ensino. . (Instrução e Educação Popular , A Tribuna, ano VIII, nº318, p.1, 30/01/1926).

Compartilhando do modelo de escola idealizado no âmbito nacional, a escola idealizada na ótica dos otimistas da educação em Uberabinha, como podemos entrever pelo parágrafo acima, exigia condições de conforto, higiene recursos materiais e humanos indispensáveis ao ensino.

Paralelo as crenças otimistas em torno do ideal de escola como um local rico em recursos pedagógicos e didáticos e professores idôneos, que inspiraram o discurso educacional já no ano de 1919, configurava-se um quadro caracterizado pelas altas proporções de analfabetos no cenário nacional⁷ do qual Minas Gerais se destaca como *o Estado que brilha pela proporção de analphabetos; prima pela diminuta porcentagem dos que freqüentam as escolas, destaca-se pela falta de escola para o preparo de professores, enfim, é um estado que não possui escolas, não tem instrução [...] (A Tribuna, ano I, nº11, p.1. 23/11/1919).*

Nesse contexto o entusiasmo pela educação, ou seja a confiança depositada na escolarização como locomotiva da história aliado a crença no poder qualitativo de uma escola fundamentada numa *nova pedagogia*, impulsionam o debate.

A exemplo do comentário do editorial de 23/11/1919, a edição de número doze reforça: *A instrução em Minas é um verdadeiro descalabro, uma vergonha, um crime que os governos do Estado vêm, de há muito perpetuando (A Tribuna ano I, nº12, 30/11/1919, p.1).*

A chaga do analfabetismo macula a nação, o Estado de Minas e necessariamente a cidade de Uberabinha. Esse mal deveria ser banido, sendo a educação a única via possível de acesso a civilidade. Em *Apello aos Paes* o jornal registra:

Quando, contristados lançamos o olhar do espirito por esse mundo afora, onde sabemos vegetarem milhões de analphabetos, quando contemplados o nosso povo chumbado a essa

desventura vida e infortúnios, em meio de fabulosas riquezas nativa, quando vemos os nossos resignados gecos a mourjejar na sua primitiva lavoura; victima da destreza dos aguias desalmados, arrastarem-se numa existencia toda cheia de ensano labor, sempre consumindo na manutenção desse enorme pensamento descortina o quadro doloroso que synthesia os horrores decorrentes do nosso atraso, inercia, doença, desgraçada inferioridade, enfim, é que podemos formar uma idea do valor deprimente, mortifero, do analphabetismo. (A Tribuna, ano VII, nº295, 25/06/1925, p.1).

Lançando mão de preceitos vinculados ao darwinismo social (outra face do conteúdo ideológico do jornal), o editorial segue descrevendo um povo analfabeto, inferior, atrasado, doente, desalmado, verdadeiro prejuízo para a nação: *Um povo analphabeto é um aleijão destruidor de um corpo-nação. Um povo analphabeto é um servo submisso ao poder o dynamismo invencivel da superioridade inevitavel. (A Tribuna, ano VII, nº295., 25/06/1925, p.1).*

Era necessário formar um novo cidadão - maior legado da República - revitalizado pelas mãos da educação. A solução viável era na ótica dos entusiastas da educação realizável por meio de construção de escolas. Nesse ótica segue o editorial: *...A grandeza da nossa patria não mais tolera a pequenez de um povo analphabeto. Mandemos pois, á escola, os nossos filhos (...).* (A Tribuna, ano VII, nº295, 25/06/1925, p.1).

Sobre a preocupação com escolarização, o periódico é pródigo em reconhecer a viabilidade da construção de escolas como veículo de regeneração social e alavanca para o progresso: *Desenvolver a instrucção, creando escolas em quantidades necessaria; fazer com que*

⁷ No âmbito nacional, os índices estatísticos apontam para um total de 11.401.715 analfabetos no ano de 1920 da população brasileira de 15 anos e mais. Ver Ribeiro, Maria Luiza. História da Educação Brasileira. Quadro II, p.47.

nenhuma creança fuja ao ensino, é construir, é levantar a nação, o estado.(Para o Futuro, A Tribuna, Uberabinha, MG, ano I, nº23, 15/02/1920, p.1).

Vinculada a crença de escolarização, a preocupação com a escola primária ganha centralidade, apontada pelo editorialista como o problema máximo da nação: *A instrução primaria é no Brasil, o problema maximo, de que depende a resolução dos outros, a sua prosperidade moral ou politca e economica. Mas tratar deste assumpto, falar sobre este problema dando-lhe a extenção de todo o paiz, é cousa tão dificil quanto transcendental* (A Tribuna, ano I, p.1, nº11, 23/11/1919).

Em nota publicada em dezembro de 1920, fundamentado em dados estatístico, o editorialista fala sobre a precariedade do número de escolas primárias no Estado:

Aponta ainda o artista o exemplo do Estado de Minas com 281.524 escolas primarias, com 622.371 professores e 20.351687 alumnos e diz que a proporção, tendo o nosso paiz a quarta parte da população americana, devia o Brazil ter 70.000 escolas primarias e 150.000 professores e 5.000.000 de alumnos, matriculados. Mas só temos talvez na actualidade 15.000 escolas primarias com 30.000 professores e cerca de 1.000.000 de alumnos matriculados.(Notas. A Tribuna, ano II, nº67, 19/12/1920, p.1).

As cifras denunciam a insuficiência da escola que se destina ao ensino da leitura, da escrita e das operações matemáticas fundamentais. Faltam escolas primárias, professores capacitados e o números de analfabetos, como já registramos, preocupa: *“Temos apenas a quinta parte do que deveríamos ter, tanto em numeros de escolas, como de alumnos e professores.”*(A Tribuna, ano II, nº67,p.1, 9/12/1920).

Essa discussão era tão presente na cidade de Uberabinha que mapeamos um número significativo⁸ de escolas públicas e privadas, que atendiam o nível primário e secundário, e funcionaram entre os anos catalogados: *Collegio Santa Rita de Cassia, Gymnasio de Uberabinha, Escola Normal anexa ao Gymnasio de Uberabinha, Collegio N. S da Conceição, Instituto Commercial, Grupo Escolar Bueno Brandão, Colegio N. S da Conceição, Collegio Amor as Letras.*

Muitas dessas escolas ao que tudo indica eram instituições que funcionaram num espaço de tempo muito curto, na verdade foram escolas de vida efêmera. Já outras, a exemplo da Bueno Brandão e Gymnasio de Uberabinha (Escola Estadual de Uberlândia) resistem ao tempo.

Paralelo a crença no poder reformador a ser promovido pela educação, o imaginário educacional veiculado pela imprensa registraram os empreendimentos na construção de prédios escolares, verdadeiros símbolos de progresso e civilidade.

A exemplo, a construção do prédio destinado ao funcionamento do Gymnasio de Uberabinha é destaque em uma nota de setembro de 1920:

Está muito adeantada a construcção do predio destinado ao Gymnasio de Uberabinha. A commissão construtora desse bellissimo edificio, verdadeiro monumento que tão alto vae elevar o nosso nome de cidade civilisada, bem merece os applausos de todo o povo de Uberabinha.

(Varias. A Tribuna, ano II, nº61, 7/11/1920, p.1)

A beleza do prédio, os largos espaços do ginásio são exemplos de melhoramentos da vida cidadina e do caminho da civilidade. Reforçando a relação entre a construção de escolas e progresso da cidade o parágrafo seguinte acrescenta:

¹¹ Nada impede que entre os anos catalogados tenha funcionado escolas, especialmente escolas rurais, que não fora registrada nas páginas de *A Tribuna*. Nesse sentido, recomendamos aos interessados na questão a procurar dados precisos junto as atas da Câmara Municipal do Arquivo público Municipal.

Numa época de utilitarismo como esta, atravessando uma crise sem par, lutando com a falta de recursos, tem a digna comissão sabido vencer todas essas grandes dificuldades empregando os seus melhores esforços para a concretização desse magnífico desideratum, a qual seja o de toda a nossa terra com o predio apropriado para o grande estabelecimento de instrução.

O predio do Gymnasio ergue-se, pois, magestoso na Praça D. Pedro II, mostrando a sua fachada de sobrado, com as suas tres grandes alas centraes, para attestar os visitantes que aqui ainda existem homens de grande civismo, que desejam edificar um palacio onde seus filhos possam confortavelmente, receber a luz do saber, especialmente escolas de ensino primário, destinada ao ensino da leitura, escrita e opressões básicas ao povo. (Varias, A Tribuna, ano II, nº61, 7/11/1920, p.1)

Palco da elevação moral e intelectual dos homens as escolas são portanto instituições necessárias as sendas da civilidade e progresso presentes no imaginário educacional de Uberabinha no transcorrer da década de 20, assim como os fundamentos de uma escola animada pelas utopias em favor de uma nova pedagogia.

Considerações Finais:

Como foi possível averiguar, a incursão que procuramos realizar junto ao jornal *A Tribuna* nos revela que a cidade de Uberabinha compartilhara das crenças que nortearam o debate no cenário nacional da educação Brasileira.

Na verdade, trata-se de um trabalho inconcluso, visto que não fora possível averiguar todos os anos de circulação do jornal - como prevemos num primeiro momento - o que nos permite chegar a resultados parciais.

Nesse sentido, concluímos - certos que posteriores estudos contribuirão para resgatar a memória local e especialmente para diminuir as lacunas que caracterizam a História da

Educação no Brasil - que a crença na escolarização na cidade de Uberabinha, considerada pela imprensa como uma cidade-modelo - *princezinha do Triângulo* - povoou o imaginário de Uberabinha que via as escolas como sinônimo de melhoramentos da vida local e ponte para a civilidade dos indivíduos, assim como a confiança em um novo modelo de escola, organizada em preceitos de valorização dos recursos humanos e pedagógicos, mediadora de experiências significativas e métodos ativos de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, José Carlos S. UBERLÂNDIA, MG, PARTÍCIPE DOS IDEAIS DE ILUSTRAÇÃO: o jornal “O Progresso” (1908). Trabalho apresentado no I Congresso de Ensino e Pesquisa em História da Educação em Minas Gerais, 2001, 10 p.
- CARVALHO, Carlos Henrique de. Imprensa e Educação: o pensamento educacional do Professor Honório Guimarães (Uberabinha, MG, 1905-1922). Uberlândia, MG, 1999 (Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia).
- DEWEY, John. Experiência e educação. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU, 1974.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SUZUKI, Matinas. A maquiagem do mundo. In Primeira Página, Folha de São Paulo, 1985, p. 9-11.
- WEREBE, Maria José Garcia. 30 anos depois: grandezas e misérias do ensino no Brasil. São Paulo: Ática, 1994.
- WIRTH, John. O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.